

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

1.º ANNO

Assignatura:—Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs.—avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 48, João F. Torres.

NUMERO 11

BRAGA

SABADO 8 DE ABRIL DE 1882

AVE CRUX!

Na observação de quanto existe, há um ponto onde se principia, e um ponto onde se acaba.

Quando contemplamos a cruz começamos logo no seio de Deus, e não acabamos nunca.

O Verbo Eterno, calando predestinador sobre os seculos, franqueou ao coração humano os espaços infinitos para dois sentimentos tão grandes como a alma,—a admiração e o amor,—quando dirigidos a quanto provem do Ser dos seres. A admiração e o amor ligam-se intimamente em uma realidade moral. Amai a virtude, admirai o heroismo; admirai a mãe, amareis a mulher; admirai a natureza, amareis a vós mesmos; mas admirai a Cruz, amareis a eternidade.

No espirito que medita, na alma que sente, na reflexão que tem paz, há a admiração que transita cada vez maior do amago da terra ao calice da flor, da entranha materna ás harmonias da vida, por cima das montanhas e das ondas, por cima das athmosferas e dos astros, e chega ao que não podemos exceder, transformada no extasi infinito.

Na linguagem do catholicismo, a este extasi, chama-se *Fé*.

E a Fé és tu! Ave Crux! É teu pedestal um mundo, e sustentas em teus braços um Throno: os destinos humanos subjugados á suprema verdade!

Em cada extremidade da tua forma pôz a divina magestade uma estrella, cujo clarão vivifica, atrahie, regenera, conquista, exalta, consola, inspira e salva!

Onde pendera a cabeça do Salvador—a Fé,—onde tocaram as mãos do Filho de Deus,—a Esperança e a caridade.

Trio mysterioso do maior bem, da luz divina do eterno amor! Laço de paz da humanidade redimida!

Ave Crux!

Onde existes está Deus, porque a tua

imagem não perde nunca o esplendor que move a piedade, que excita os entusiasmados, que adoça o amor.

No meio da floresta, entre as urzes do bosque, uma cruz tosca exprime que n'aquelle lugar alguém transpôz os umbraes do infinito.

Essa cruz é pedra, fria como gelo, dura como o bronze. Ao vel-a descobre-se o viajante, e volve o espirito a Deus.

Deus existe ali n'aquelles braços de marmore!

Aquella cruz pede ao Samaritano uma lagrima por um infeliz, e ao habitante da cidade fiel uma oração pelo irmão; todavia o marmore é mudo como os rochedos sepultados nos abysmos do mar.

É que esse marmore, erguido entre a terra e o céu, é como a sombra abatida ligando o escuro ao claro com a mesma suavidade com que se ligam os nossos dias mortaes á eterna existencia do Senhor do mundo!

É que aquelle marmore, porque é a Cruz, está cravado no fundo de um mundo, que se chama consciencia, e ali produz a annysia universal da fé, como um balsamo que mitiga intimas feridas, que cicatriza o remorso e anima a esperança.

Transformai aquelle marmore em ebano, em ouro, no metal mais infimo, e ponde-o ao peito do soldado, fareis um D. João I; ponde-o ao peito do navegador, fareis um Alvarés Cabral, ao peito do artista tereis um Raphael, ao peito do sabio, vereis um Santo Agostinho, ao peito da mulher, vegetarão as rosas que adornaram a Portuguesa Santa Izabel.

E' que a Cruz é a Fé, e a Fé é o motor mais sublime de quanto ha grande no coração e no genio.

É que a Fé nasceu com o homem, e revelou-se no primeiro volver de seus olhos da terra para o céu.

Vive com elle e transpõe os espaços, pressa á alma, como um anjo velador.

É a confiança infinitamente confortante, infinitamente vencedora; a infinita potencia, a infinita virtude, a força de toda a razão, a poesia recondita de todas as crenças, o bello de todos os ideaes.

A fé em Licurgo fez grande Lacedemônia; a fé na opulencia fez Babilonia opulenta; a fé no oraculo deu aos romanos o

dominio da terra; no meio da humanidade, só com a sua consciencia, Colombo tem fê em um novo universo, e um universo lhe surge das ondas; Affonso Henriques tem fê no Deus dos exercitos, e o Senhor lhe apparece na Cruz, entre os exercitos, apontando-lhes o caminho dos prodigios, e marcando a um povo fiel na sua lei, como theatro de suas façanhas toda a superficie da terra e dos mares, e Portugal nasceu e floresceu, maior e mais poderoso, e mais arojado, e mais heroico, e mais temivel entre todas as nações do mundo!

Oh! a Fé! como em seu regaço repousa bem a alma do crente!

Ave Crux!

O homem Deus arrastando-te ao cimo da montanha quiz que te visse toda a humanidade! As dores da Sua paixão foram o triumpho da remissão, promettida pela palavra immutavel do Creador; o ai d'essas dores foi um verbo d'amor e de perdão, cujo ecco o trovão ribombou em todo o mundo, como a nota de um hymno, afinado pela mão de Deus.

E a terra parou como que para contemplar a luz de uma inspiração, que não tem limites, nos mysteriosos eixos do seu movimento, nem na enorme superficie da sua redondeza!

Ha-de o teu poder, ó Cruz, a tua luz, ó astro, a tua voz, ó Deus, reflectir-se em toda a immensidade dos seres e dos tempos.

As Sodomas de hoje hão de resurgir para ti, porque remiste; hão-de conrassar-se, porque perdoas-te, hão-de amar-te, por que tu és a paz e o amor.

Os povos que arrastam o seu martyrio hão de depol-o no cume da montanha. Quando lá se erguer a sua cruz, ha-de tambem surgir uma estrella redemptora, brilhante como o sol dos desenganos, como os clarões da verdade. Então serão dissipadas as nuvens que debalde pretendem interceptar os raios da tua inspiração, por que tu, ó Cruz, haverás triumphado mais uma vez.

Nós te admiramos, nós te cremos, nós te amamos na nos-a Fé.

Tu que fizeste rojar humilde a fera aos pés de teus martyres; tu que esfriaste a chamma das fogueiras pagans, tu que ne-

nhuma potestade abalou ainda, estende para nós os teus braços, e salva, para os filhos e para ti, e redime, e inspira, e perdôa a mãe que nos morre, que vae fugir ao nosso amor, á patria que se perde, ao povo que se condemna!

E nós te adoramos!

Ave Crux!!

RELIGIÃO

RESURREXIT

Tres piedosas mulheres, cujos nomes archivam os evangelhos, sabem de manhã cedo de suas casas, procuram no sepulchro o cadaver de Jesus Christo, para o ungirem com aromas que haviam comprado, e vão perguntando pelo caminho umas ás outras, se acharão quem as ajude a levantar a grande pedra que fecha a bocca de sua sepultura gloriosa.

Chegando ao sepulchro, viram-no aberto; entraram e deram com os olhos em um anjo, que estava ao lado direito do tumulo, vestido de branco.

Procurando a Jesus Christo não o acharam; e querendo saber o que era feito d'elle, aquellas boas mulheres ouviram da bocca do anjo: que havia resuscitado; que não estava ali; que vissem como estava vazio o lugar onde o tinham enterrado; que se não assustassem: que se fossem embora e dissessem a seus Discipulos e a Pedro, que tinha resurgido dos mortos, e os precederia na Galiléa, onde o veriam, como havia predicto.

O sepulchro de Jesus Christo tem pois um epitaphio bem diverso dos que vemos gravados sobre os sepulchros dos homens.

Por maior que tenha sido a grandeza d'estes, e por maiores que sejam os elogios que o reconhecimento ou o interesse lhes dispense e escreva sobre os soberbos mausoleos que lhe erigiu a verdade humana, ali lemos sempre esta triste e desoladora inscripção: *Aqui jaz!*

O maior conquistador, o homem que encheu o mundo da fama de seu nome, que achou pouca toda a terra para theatro de sua actividade e objecto de seu dominio,

FOLHETIM

BIOGRAPHIA

DE

D. EGAS MONIZ

Excellencia de nascimento, piedade, virtude, e esforço não faltou no insigne Cavalleiro D. Egas Moniz, Cavalleiro honrado e bemaventurado, como lhe chamam as historias. Gloria para Portugal, quando junto ao herço do seu primeiro Monarcha contempla este Varão, que tanto antes, como depois encheu os seus dias de feitos distinctos, e praticas piedosas, deixando por entre os seculos lembrado o seu nome verdadeiramente grande.

Ainda que o escuro da historia não nos deixa ponto averiguado na mais remota ascendencia de D. Egas, com tudo, para que a sua fidalguia appareça, basta sabermos que foi seu terceiro Avô D. Moninho Viegas, que no tempo de D. Ramiro 3.º de Leão, pelos fins do seculo X., desembarcou na barra do Porto com alguns aventureiros da Gascunha, restituiu a cidade, e lhe poz por Bispo um seu irmão, D. Sisonido; e, continuando a perseguir e rendendo os mouros, que largamente occupavam as terras ao norte do Douro, d'ahi lhe veio o senhorio, e a seus descendentes, se-

nhorio junto com o appellido *Riba do Douro*. D'este D. Moninho, um filho (chamado tambem Egas Moniz) casou com D. Toda Hermigues Alboazar, bisneta d'outro mais antigo D. Ramiro Rei de Leão, e de cujo consorcio nasceu D. Hermigio Viegas, que foi pae de D. Moninho Hermigues. Casando este com D. Moninha Dona Ouraana, houve do mesmo casamento o nosso grande D. Egas Moniz.—E aqui temos n'esta genealogia a mais alta nobreza, comprehendendo espadas de conquista, mitras, e corôas, como se explica um dos nossos escriptores.

D. Egas acompanhou seus paes no resgate de muitas terras aos mouros, obedecendo ao Rei de Leão; de modo, que já se tinha feito famoso na guerra, e não menos notavel na paz, quando o Conde D. Henrique veio tomar posse do dote, com que casara com a Rainha D. Thereza. E entrou em Portugal o valoroso genro de Affonso 6.º de Castella e Leão, muito cabimento teve com elle a familia de D. Egas: seu pae D. Moninho foi remunerado com o officio, com que mais se podia honrar, de Mordomo Mór; o tracto de perto deu a intimidade, e com a boa cavallaria veio a inclinação.—Os dominios de Portugal tinham ido crescendo; e o senhorio que o nosso Varão recebera de seus paes, tambem se augmentara em recompensa d'obras suas, e notavel foi o augmento que teve com as terras da Comarca de Lamego, ao que dera logar a façanha extraordinaria, de que alguns historiadorez fazem menção, e

que em resumo vem a ser como se segue:—O Castello de Lamego ainda se achava em poder dos mouros; posto que, rendendo vassalagem ao Conde D. Henrique (era assim que os infieis conservavam algumas possessões mesmo no meio de Christãos) e governando-o Echa Martim, pelo anno 1102, este Regulo se rebelou, e sahindo com gente armada fez grande preza nos povos vizinhos, que descuidados soffreram tamanha insolencia. Quando D. Henrique, á noticia de similhante atrevimento, tratava de juntar forças para o ir castigar, em Guimarães, onde então estava a Corte, se lhe apresenta d'improviso o nosso Cavalleiro acompanhado dos seus homens de guerra. O Conde, e elle partem logo a encontrar o inimigo, e o avistam chegando a um valle junto ao Mosteiro d'Arouca, da Ordem Benedictina; ia recolhendo-se em arranjo; levava a sua marcha, e em segurança os captivos e bagagens. Muita conta era preciso no ataque, além de corajosos com a victoria, tinham em suas mãos muitas vidas christãs, que em apuro podião sacrificar; favorecendo-os ao mesmo tempo o posto, pois que, pela encosta d'uma das serras de que muito abunda aquelle sitio, estava collocada a sua gente de batalha, e nas altas asperezas do monte se achavam os captivos e bagagens. Ao chegar do logar onde corre o rio Alardo, ou Arnaldo como hoje lhe chamam, o Conde, e D. Egas pararão a concertar entre si. D. Egas propõe o seu arbitrio. De noite elle se

aparta do Conde; em silencio rodea a serra, e d'emboscada fica junto ao campo dos captivos; ao amanhecer o Conde D. Henrique ataca de frente os barbaros, travando-se um conflicto terrivel, a que correm todas as forças destes: então o Cavalleiro D. Egas sabe da emboscada, e se apodera dos captivos, e de toda a preza, fazendo-se tambem senhor de Axa Anzures, que era de todas as mulheres a que o Regulo mais amava; e depois, rolando como pene-do, cahi do alto do monte sobre os infieis, que andavam no combate, que mais terrivel se torna ainda, não faltando valor de parte a parte, todo o dia se passou brigando, o ao fim d'elle terminaram os empenhos dos barbaros depois que ás mãos de D. Egas foi captivo o proprio Echa Martim; e acrescentam os historiadorez, que fallam deste facto, que o mouro Echa, levado da generosidade dos Portuguezes, e mansidão dos christãos, pedira para si, e para sua mulher Axa o baptismo, que receberam; e lhes fora restituída a liberdade. Em consequencia, pois, d'esta victoria foram divididos pelos principaes capitães, que nella tiveram parte, os estados do Regulo Echa Martim, e o valoroso D. Egas Moniz ficou então com o senhorio do Castello de Lamego, e das terras entre Balsamão e Barosa, e outras muitas mais, até quasi ao rio Tavora.

(Continúa).

CORESPONDENCIA

Povea de Lanhoso 5 d'Abril

(Do nosso correspondente)

jaz debaixo d'uma pequena pedra, sepultado no pó grosseiro e vil, sem que todo o seu poder e toda a sua grandeza o possam tirar d'alli.

Não succede assim a Jesus Christo. Descido ao sepulchro, sahe d'elle ao terceiro dia, victorioso e radiante de luz.

A gloria dos grandes do mundo acaba na sepultura. A gloria de Jesus Christo começa no sepulchro.

E no sepulchro, no centro da fraqueza, que brilha sua força, e entre os braços da morte que elle retoma, por sua propria virtude, uma vida feliz e immortal, animando sua igreja, consolando e robustecendo seus discipulos, fundamentando a fé e a esperança christã.

Se Jesus Christo não resuscitou, dizia S. Paulo aos Corinthios, a nossa prégão é vã; a nossa fé não tem base; nós somos umas testemunhas falsas e uns impios que insultamos a Deus, attestando contra a verdade, que elle resuscitou a Jesus Christo.

Mas se Jesus Christo resuscitou, como é verdade, Jesus Christo é Deus, e nós também resurgiremos um dia como elle.

E pois a resurreição do Salvador a base de toda a religião e de toda a moral christã.

E por ser assim capital este artigo de nossa Santa fé catholica é que Jesus Christo o fez cercar de toda a especie de provas que pôde exigir uma razão clara e um espirito recto e despreoccupado.

O Salvador do mundo fez durante sua vida mortal muitos milagres, que lhe davam a qualidade de filho de Deus que se attribua.

A expulsão dos demonios, a cura dos cegos de nascimento, a resurreição dos mortos de quatro dias eram provas sensíveis e palpaveis do poder divino que havia n'elle.

Porém a sua resurreição era a demonstração que Jesus Christo havia de dar nomeadamente aos judeus para prova de sua divindade, porque a havia prometido, porque era a mais convincente, a mais certa e incontestada, e a que mais favorecia a propagação do Evangelho, que se resume em crer em Jesus Christo e confessar sua divindade.

Pelo que os christãos dos primeiros seculos, querendo exprimir por uma só palavra a idea que formavam da resurreição do Salvador, por costume usual entre si, a chamavam simplesmente—o *testemunho*.

E o imperador Constantino Magno, levantando na nova Jerusalem, um soberbo templo sob a invocação de Jesus Christo resuscitado, lhe pôz o nome de *martyrium*, isto é, *testemunho*.

E S. Cyrillo, patriarcha da mesma cidade, dá a razão de tal nome, dizendo, que o templo se chamava assim porque era consagrado a um mysterio que Deus escolhera para ser testemunho solemne da divindade de seu filho.

Jesus, quando os Judeus o instavam para que lhes dêsse provas de sua divindade, respondia:

Esta raça má quer que eu diga por um milagre quem sou; pois não terá outro milagre além d'aquelle de que o propheta Jonas foi a figura. Assim que eu estiver tres dias no seio da terra, sahirei de lá como Jonas sahiu do ventre da balêa.

Se quereis saber se eu sou ou não sou filho de Deus, e Deus eu mesmo, destrui por uma morte cruel e violenta este templo visivel, que é o meu corpo, e eu o tornarei a construir ao terceiro dia no mesmo estado ou em um estado muito mais perfeito.

E assim succedeu. Christo não só tinha resuscitado mortos, como antes d'elle mais alguém havia feito, mas resuscitou-se a si mesmo, o que até então nem se tinha ouvido nem se ouvirá mais; provando d'este modo que era homem e que era Deus; homem, porque resurgiu; Deus, porque se resuscitou.

A historia da resurreição de Jesus Christo, traçada pelos evangelistas, acha-se acoberto de toda a suspeita de falsidade.

O christianismo não é como muitas instituições humanas que existem sem se saber onde, como e por quem começaram.

Temos a sua historia seguida, que vae sem interrupção até á epocha de seu nascimento e sabemos por ella que a resurreição de Jesus Christo foi sempre o fundamento da fé e da moral dos christãos.

Louvemos pois ao Senhor, que tanto fez a nosso favor; que morreu pelos nossos peccados e resuscitou para nossa justificação.

Proseguindo com o honorifico cargo de correspondente d'esta terra, é do meu dever o continuar a escrever para as honrosas columnas do excellente e bem acreditado jornal a *Cruz e a Espada*, todo e qualquer acontecimento que julgue ser de interesse publico, ou qualquer assumpto que actualmente prenda o animo de todas as camadas sociaes (permittam-me a expressão); vou pois, hoje, dizer alguma coisa sobre uma materia que presentemente se está ventilando vehementemente (chegando esta vehemencia da parte dos liberaes a ser offensiva e ridicula para o seu partido, cujo chefe se expressa aos seus correligionarios por intervenção do «*Mathete*» órgão da maçonaria portugueza) não só, na opinião publica, mas também entre a imprensa catholica e liberal.

Esta materia, é, o centenario que os maçons portuguezes (que seguem as ordens dadas pelo grande oriente francez) pretendem levar a cabo, festejando o seu heroe (espantallo o grande e incomparavel tyran, verdugo e assassino que até nossos dias tem pizado o sólo d'este torrão portuguez.

Catholicos! não vos deixeis illudir; olhae que o centenario do marquez de Pombal é unica e exclusivamente para mover uma guerra acintosa e sem treguas á religião catholica que herdaram nossos paes e que nós d'elles recebemos por herança.

Catholicos!, repito, não vos deixeis seduzir pelas palavras affectuosas que vos dirigirem os liberaes; reparaí e vede bem para a circular que a maçonaria endereçou a todos os homens liberaes portuguezes; n'ella se vê, que o fim do centenario é apagar, para não mais viver, nos corações dos portuguezes a religião de Jesus Christo, o verdadeiro amor da patria, e o peor ainda introduzir nos fracos peitos de nossos concidadãos, a perda da unidade nacional e por consequente a manutenção d'um estado anarchico que em pouco tempo nos conduzirá á nossa total ruina.

Portugal irá caminhando a passos de gigante para a sua decadencia e destruição, em quanto a sociedade dos... estiver com as redeas do governo nas mãos; e a quem se deve imputar Portugal achar-se n'este estado de cousas? aos catholicos (sinto dizelo), mas não geral, e principalmente aos nossos bispos que em vez de admoestarem por meio de pastoraes o povo que lhes está encarregado, e de prohibirem a publicação de tantos jornaes impios e desbragados em linguagem que por ali formigam a todos os cantos de Portugal, crusam os braços e deixam passar tudo.

Pela minha parte, desde já protesto effizamente contra a celebração do centenario, por conhecer que esta festa não é mais do que continuar com mais vigor o odio contra a religião — e por consequente uma festa maçonica digna sómente dos filhos de Satanaz.

Por hoje nada mais.

R. F.

REPRESENTAÇÃO

Em seguida publicamos a que a illustrada Associação Commercial d'este cidade dirigiu aos Srs. Deputados da Nação. E' uma representação substancial e da sua leitura conhece-se os grandes defeitos e inconvenientes que traz consigo as novas leis tributarias.

Para se sêr legislador, não basta só ser *talentoso e sabio*, é preciso também conhecer-se das necessidades dos povos, o que se desenvolve com amestria na referida representação. Deve-se-lhes fazer justiça, por assim o reclamar o interesse de todos.

Representação da Associação Commercial de Braga, Enviada á Camara dos Senhores Deputados, sobre as propostas de fazenda

A direcção da associação commercial de Braga não cumpriria o seu dever, falsearia a missão que lhe confiaram se, no momento em que se estão discutindo medidas tão importantes, como as de fazenda, tão intimamente ligadas com os interesses não só do commercio, mas do paiz em geral que é o que paga, porque é o que

consome, deixasse de vir perante vós, Senhores Deputados da Nação Portugueza, dizer da sua justiça e interessar a vossa illustrada cooperação no melhoramento das finanças publicas, e no aperfeiçoamento das finanças publicas, e no aperfeiçoamento das leis, pois que, se não pôde haver bom governo sem boas finanças, não haverá também boas leis, e as leis não poderão dizer-se boas se não forem claras, equitativas e justas nos seus effeitos e applicação.

O muito nobre e illustrado Ex.^{mo} Sr. ministro da Fazenda disse, no seu luminoso e, por todas as razões, notavel relatório, com que precedeu as propostas de fazenda, já em discussão, que «*o deficit ou acaba de uma vez, ou ameaça de não acabar nunca*» e, levado na corrente d'esta convicção, que julgámos maduramente formada, sincera e arreigada, concluiu por pedir á contribuição toda a differença entre as receitas e as despesas do orçamento actual.

Lamentámos com S. Exc.^a o desequilibrio que de há muitos annos accusam as nossas finanças, mas pedimos licença para discordar do seu asserto, por não julgarmos prudente, nem conveniente, o querer remediar de uma só vez, e por tal expediente, os males que o são de tantos annos, que vem de muito longe, e cuja origem, e aggravamento tem razão tão complexa e variada.

Não é que ignoremos que só tem credito quem bem merece: não é que neguemos a grande vantagem de umas boas finanças: não é que queiramos que o paiz se enriqueça á custa e pelo empobrecimento do thesouro; mas é que o paiz, infelizmente, Senhores Deputados da Nação Portugueza, na hora presente, e no geral, está mais pobre do que parece e, se illude nas apparencias, no fundo, e em verdade, está realmente pobre, e talvez em breve praso, e mais cedo do que pôde mostrar-se tal qual é, pobre, definhado e sem recursos de que valer-se.

Tem-se despendido muito, excessivamente, em melhoramentos publicos de toda a ordem, é certo, mas não é menos certo também que a agricultura não progride, que as industrias se não desenvolvem, e que o commercio, Senhores, esse vive vida de amarguras e embaraços, superiores a toda a conjectura e fóra do alcance dos que lhes são extranhos.

N'estas circumstancias, parece-nos menos prudente e erro grave, o dificultar e agravar tão fortemente todos os recursos da vida, e illaquear todas as arterias da riqueza publica. A boa vontade e abnegação dos contribuintes, de nada valerão, se o procedimento dos governos não fôr reflexivo e prudente, reflexivo no pedir, e prudente no despendar. D'outro modo, teremos que o deficit resistirá a todos os meios de combate e conservar-se-ha pouco mais ou menos, igual, senão superior ao que agora queremos acabar.

Redução de despesa o augmento de receita, são os meios de combate, mas recorra-se a ambos por igual, que ambos conjunctamente se auxiliem, não fazendo nem exagerando despesas com que não podemos, regulando e tornando proveitosas as que já se fazem, e não fazendo outras novas sem urgente necessidade, e, mais que tudo, fiscalizando o exacto cumprimento das leis tributarias, que a arrecadação das contribuições seja um facto inalteravel para todos, sem excepção e que cada um pague o que deve, como deve e pontualmente. Grêmos será este o empenho do governo, e estamos esperanças que assim procederá. No momento, porém, teve o sabio ministro de lançar mão dos meios extremos. Apresentou as propostas de receita, e é a respeito d'ellas que temos de fazer algumas considerações:

Pelo n.º 2 da Proposta de lei n.º 79—é creado um imposto de 6% adicional a todos as contribuições, impostos e rendimentos do thesouro de qualquer ordem, natureza, denominação ou exercicio que se arrecadarem, a datar da publicação da lei, sendo apenas isentados os casos apontados na proposta.

Pois será justo, Senhores, que se dificulte tanto as nossas industrias, que se inutilize o desenvolvimento da nossa agricultura, que se estabeleça um privilegio, facto odioso sempre, mas mui principalmente em materia tributaria, para uma parte do paiz?

Hontem defendia-se o tratado do commercio com a França, ainda pendente, pelas vantagens por elle alcançadas a beneficio da nossa agricultura; hoje inutiliza-se tudo com o aggravamento de mais 6% na sahida, e com muito maiores despesas no amanho e beneficiação.

Hontem, de um ao outro extremo do paiz, levantavam-se todas as industrias reclamando contra o imposto do carvão, materia prima indispensavel, e hoje aggravam-se essas mesmas industrias com mais 6%, sobre os 300 reis que esta materia prima está pagando, por tonelada, desde 1880.

Vão pagar-se mais 6% sobre todas as contribuições, sobre todos os generos de consumo, sobre todas as necessidades da vida e, n'estas circumstancias, será justo, senhores que os provincianos tenham de pagar ainda mais 6%, dos transportes nos caminhos de ferro do estado, e sobre os generos que já ficam tão sobrecarregados? Não pôde, não deve ser. Esta direcção pede, por o julgar de toda a justiça, que ao § unico d'esta proposta se addite mais:

N.º 10—Todos os generos exportados;

N.º 11—O rendimento dos caminhos de ferro do estado;

N.º 12—Os direitos de importação sobre o ferro coado em bruto e sobre o carvão de pedra-hulha;

N.º 13—O imposto de registro por titulo oneroso.

E' também da maxima conveniencia que o n.º 4.º d'este mesmo paragrapho seja redigido por fórma, que deixe bem claro, que fica isento o imposto de real de agua em todo o paiz.

Na proposta n.º 3, notamos mui especialmente o novo direito de importação sobre o trigo em grão, e sobre a aguardente simples ou preparada e em qualquer especie de vasilha.

É com o fim de proteger a agricultura nacional. Louvavel proposta, se a agricultura assim o pedisse, mas a agricultura não pediu, não podia pedir protecção para um genero que não produz, nem prohibição absoluta para o de que tem necessidade. Todos sabem que o trigo é hoje um genero de consumo geral, que o paiz não produz sequer o sufficiente para sessenta dias de consumo, e o encarecer em taes circumstancias este genero não é prudente. Com a agurdena acontece peor. Augmenta-se o imposto, encarece-se a beneficiação dos vinhos altos e annulla-se a exportação.

A proposta n.º 4 altera, em parte, o imposto do real de agua.

Pelo artigo 2.º, sujeita se ao imposto o gado suino creado e engordado para consumo particular.

Pelo artigo 3.º estabelece se o principio da duplicação do imposto por tantas vezes, quantas forem as revendas dos generos de concelho para concelho até ao local do consumo, menos para as que sahirem do Porto, unica localidade onde podem passar-se guias de pagamento, não obstante dispôr o artigo 5.º do regulamento em vigor que não poderá exigir-se imposto do real de agua d'aquelles generos que já o tiverem pago.

Pelo artigo 4.º, finalmente, pertence-se estabelecer que os donos de depositos de generos sujeitos ao imposto do real de agua, mas unica e exclusivamente destinados a exportação, não são obrigado a manifestos nem a declarações.

Temos pois que o creador, o proprietario, o lavrador, que criar e engordar um porco para seu consumo, para sustentação da sua lavoura, paga imposto. Temos pois que todos os generos que se venderem para revenda, de concelho para concelho, não sendo do Porto (!), pagam imposto, muito embora já tenham pago imposto. Temos ainda que os depositos de generos sujeitos ao imposto do real de agua, mas exclusivamente destinados a exportação, não ficam sujeitos á fiscalisação de ninguém.

Temos o definhamento da agricultura, a morte do commercio das provincias, e o contrabando auctorizado por elle. Não é justo, não é prudente, não deve consentir-se que assim seja.

O particular, o lavrador que cria e engorda gado suino para seu consumo, para sustentação da sua lavoura, deve ficar isento do imposto.

Os generos que provarem ter pago o imposto é justo que possam transferir-se de concelho para concelho, sem pagamento de novo imposto.

Os donos de depositos de generos sujeitos ao imposto do real de agua, indistinctamente, é conveniente que fiquem, sempre e em todo o caso ou hypothese, responsaveis pela importancia do imposto, até que mostrem o seu pagamento ou isenção, por documento legal.

E, estabelecendo-se pelo art.º 1.º da nova proposta que todos os generos comprehendidos na tabella annexa ao regulamento de 29 de dezembro de 1879, quando importados do estrangeiro ou das provin-

cias ultramarinas para consumo no paiz, pagarão o imposto na alfandega da entrada, não veremos inconveniente em que se consinta que o arroz estrangeiro transite livre e independente de guia em todo o paiz.

Proposta n.º 8.—*Imposto sobre o sal.*

O sal que consumir no continente do reino e nas ilhas adjacentes pagará o imposto de 10 reis em litro, e mais 6 % adicional a este novo imposto.

Todos vós, senhores, sabeis que é este um dos generos indispensaveis á vida, e que recabe, relativamente, mais sobre as classes pobres do que sobre as ricas e abastadas. Parece-nos que, não obstante esta tributação ser sempre odiosa, ainda assim poderia ser relevada, se o imposto descesse a 5 reis em litro e, se este imposto ficasse isento do adicional de 6%, redigindo-se também o n.º 2 do § 1.º do modo seguinte:

O que for empregado na salga e conservação do peixe em todo o litoral.

Senhores deputados da Nação Portuguesa: Melhorar as condições do nosso thesouro publico, sem empobrecer o paiz, esse é o empenho de nós todos.

Esta direcção dirigindo-se a vós, senhores, fallo com a confiança de que vós tudo resolvereis com a maior prudencia e illustração, em bem do paiz, como é de justiça.

Associação Commercial de Braga, 10 de março de 1882.

E. R. M.º

A Direcção.

José Ferreira de Magalhães,
José Fernandes Valença,
Manoel José d'Abreu,
José Joaquim Dias Pereira,
Joaquim José Galvães Salgado.

BELLEZAS DE NATURA

O sol refulgente,
Em ceu purpurino,
Desponta ao nascente;
Ao monte sem tino,
Já corre contente,
O pastor ladino.

No bosquescondido,
O rouxinol canta,
Gorgeio sentido;
Além se levanta,
Jardim florido,
Que a vista encanta.

Mui branda aragem,
Se sente a soprar,
Entr'a folhagem;
E sem me cançar,
Tormosa paisagem,
Se me vem mostrar.

As aves que vòam,
Contentes chilhando,
Os ares povòam;
Os echos passando,
Dos cantos que sòam,
Já vão murmurando.

Como este lugar, tão simples formoso,
O peito esprançoso, me vem animar;
Como elle tão bello, e tão bonançoso
O Todo-Poderoso, me vem recordar!

Braga.

M. C. Mesquita.

COMMUNICADO

Snr. redactor.

Em extremo penhorado pela benevolencia com que v. me tem obsequiado em suas noticias sobre o meu *Plano Funicular*, venho confessar-me summamente reconhecido para com toda a immensa que se tem occupado d'este assumpto, á qual devo muita consolação e incitamento para o bom exito d'este civilizador empreendimento.

Não ha duvida, sr. redactor, que eu tomei só e completamente desajudado de quaesquer recursos alheios, a responsabilidade d'este audacioso commettimento, mal vaticinado pela opinião geral, que apenas se dividia nas melhores ou peiores intenções com que uns desejavam ver alli a sepultura do meu passado e do meu futuro, e outros simplesmente lamentavam a minha systematica teima:—naturaes, mas duras difficuldades do meio em que esta obra tinha de realisar-se.

É-me, porém, gratissimo testemunhar aqui que a Providencia houve por bem cercar-me do conselho, valimento e serviços de pessoas excepcionaes, sem o concurso das quaes me

seria impossivel levar á vante a minha idéa.

Fôram ellas os ex.ºs visconde de Pindella, então governador civil, que approvou rasgadamente o contracto da conclusão; dr. Jeronymo da Cunha Pimentel e dr. Constantino d'Almeida, que dêram a sua opinião franca a favor do mesmo, na qualidade de membros do conselho de districto; dr. Antonio Brandão Pereira, que sempre me auxiliou e acompanhou com extraordinaria dedicação e valôr, desde o primeiro passo que dei para encetar este singular melhoramento, até á sua conclusão; a meza do Sanctuario, que pondonorosamente resistiu á mais desabrigada intriga, e que soube attender aos valiosos interesses do Sanctuario e da cidade de Braga; Antonio Maria Kopeke de Carvalho, que foi quem na minha afflictiva questão technica, me prestou os mais decisivos e valiosos serviços; M.º Riggembach, o notabilissimo inventor e construtor do systema, que tem feito a sua reputação universal; Raúl Mesnier, que dirigiu proficiente e admiravelmente os trabalhos da construcção do *Plano*; e, finalmente, o habil assentador Mayer, empregado de M.º Riggembach.

A todos estes dedicados e esforçados cooperadores d'esta obra notavel, eu inderego os meus mais affectuosos e cordeas agradecimentos, orgulhando-me de que os seus nomes fiquem vinculados cada um na sua parte respectiva, a tão grandioso monumento do progresso.

Braga, 31 de março de 1882.

Manoel Joaquim Gomes

ESTRANGEIRO

Roma, 4 — Diz o jornal «Italia» que o cardeal Jacobini vae deixar de ser secretario de Estado da Santa Sé, não obstante os desejos do Papa, porque entende que os poderes conferidos recentemente ao cadeal Pecci lesam a sua auctoridade.

A colonia artistica hespanhola deu hontem um banquete em homenagem ao pintor Pradilla pelo seu quadro a «Entrega de Granada». O entusiasmo foi indescriptivel. Fizeram-se brindes á Hespanha, a Pradilla e á arte.

Rio de Janeiro, 4 — Os vinhos portuguezes estão actualmente em sensivel baixa. No mercado regulam de 180\$000 rs. a 200\$000, as boas marcas.

NOTICIARIO

Boas Eestas.—Alleluia! Alleluia! Alleluia!

Jesus Christo ressucitou; a Cruz ficou triumphante, e a Espada só feriu as orelhas dos Marcos Bandarras.

Boas festas, boas festas; vivão todos os nossos assignantes e leitores.

Venceu a Cruz; Satanaz ficou prizoneiro. Quem como Deus?!

Festeividade.—No dia 10 do corrente, 2.ª feira, festeja-se com toda a pòmpa na igreja da Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco, d'esta cidade, o glorioso, S. Vicente Ferrer, advogado contra a epidemia da variola, que tantos estragos tem feito n'esta cidade e freguezias lemitrophes.

De manhã ha missa cantada a grande instrumental. exposição do Santissimo, e de tarde sermão.

São dignos dos maiores elogios os promotores de tão relogiosa festeividade.

O dia 3 de Março.—Para todos os verdadeiros portuguezes, foi este dia de grande galla, por ser o do anniversario natalicio da senhora D. Adelaide, viuva do rei martyr, o senhor D. Miguel 1.º que a revolução desenfreada fez morrer longe da patria, que tanto amava.

Seu filho, o senhor D. Miguel 2.º, o anjo das nossas esperanças, e o salvador do nosso e seu Portugal, receba, junto d'Aquella, que enchoçou em vida as lagrimas de seu saudoso Pae, os votos da nossa mais ardente fé e respeito para com toda a familia real proscripta, a quem reverentemente bejamos as mãos; e pedimos ao todo Poderoso que lhe dilate a vida por longos annos.

Desastre.—O nosso prezadissimo amigo e correligionario o sr. D. Francisco Beltron, distincto facultativo da freguezia de Sequeira, cabiu do cavallo em que montava, e com tanta infelicidade, que ficou bastante contuzo. Sentimos.

Semana Santa.—Na forma dos annos anteriores celebraram-se na nossa cathedral,

as augustas cerimoniaes da *Semana Santa*, com a assistencia do Ex.º e Rv.º Sr. Arcebispo Primaz.

Na 4.ª feira, houve o officio das *Trevas*. Na 5.ª a benção dos Santos Olios, e pelas 4 horas da tarde, S. Ex.ª R.ª, procedeu á augusta cerimonia do *Lava pedes*, e finda a qual, pregou o sermão do *mandato*, sendo a sua palayra authorisada, ouvida com admiração e respeito.

A concorrência dos fieis era inormissima, e enchia aquelle vasto templo.

Na 6.ª feira, depois dos officios divinos, seguiu-se a procissão do enterro, assistindo a real Irmandade da Misericordia.

A noite pregou o sermão da Soledade Monsenhor Rebello.

É o acto mais tocante e comovente da nossa religião, a cerimonia do enterro.

A alma catholica enche-se de um amor santo e transporta-se em extazi ao infinito! O coração humano abala-se, e as lagrimas brotão pelas faces! Só Deus é grande.

Estimamos.—Segundo as noticias da Capital, o poder moderador, concedeu o perdão ao sr. Albino Carneiro, prezo nas cadeias d'esta cidade a 15 annos e condemnado por toda a vida, dando-se-lhe a pena por expiada.

Os serviços, bom comportamento, e moralidade do sr. Carneiro, tornavão-o digno de tudo.

Os nossos parabens.

Não morre.—O nosso *pequerrucho*, que alguém entendia em perigo de vida, achase cada vez melhor, e tem-se tornado muito folgazão, a ponto de dar a sua boliscadella nos *zangões abandarrados*, que o vêem com olhos de môcho.

Descansem; porque o *rapasito* tem boa construcção, forte musculação—e promete longa vida.

Tenham paciencia: o tempo não está para *murros*.

Procissão.—Na noite de 5.ª feira sabiu da real igreja da Misericordia, a procissão do Senhor—*Ecce Homo*, sendo conduzida no seu rico andor, a preciosa imagem do Senhor sentado na Pedra-Fria, percorrendo o itinerario do costume.

É uma procissão magestosa, e que infunde todo o respeito, já pela rica imagem do Senhor *Ecce-Homo*, já pelo silencio da noite e já pelo sentimento religioso e respeitavel do nosso povo. Levava muitos irmãos, e os anginhos ricamente vestidos: uma guarda d'honra com a respectiva musica, fechava aquella tocante e comovedora procissão.

Fallecimento.—Falleceu em Coimbra a Ex.ª Sr.ª D. Felismina da Conceição Azevedo Peixoto, esposa do Ex.º Sr. Innocencio Peixoto Quaresma.

Era uma senhora toda cheia de virtudes.

A seu anojado esposo os nossos sinceros pezames, e aos nossos leitores pedimos as orações da igreja pela alma da illustre finada.

Os judas.—Queimaram-se em diversos pontos da cidade, no meio da maior algazarra, fogo e bombas.

Apareceram alguns d'estes *figurões*, com allegoria ao celebre *Marquez de Pombal*.

A rapaziada gritava, morra o traidor morra o mação.

Os *espancaltos* assim desapareceram em 4 ou 5 minutos

Feliz lembrança.—Ao sr. Manoel Joaquim Gomes, benemerito emprehendedor do plano funicular do Bom Jesus, vae ser offerecido um medalhão de metal precioso, tendo no reverso a inscripção—«A Manoel Joaquim Gomes a cidade de Braga, 25 de março de 1882»; e no reverso a effigie do sr. Gomes.

Regresso.—Já regressaram de Lisboa onde tinham ido fazer concurso para aspirantes auxiliares, telegrapho-postal, os nossos sympathicos amigos o sr. Narcizo Antonio Rebello da Silva, João Augusto da Silva, Alfredo Augusto Geraldo de Magalhães e Avelino Pereira Pinto Magrisso.

Esperamos boas classificações, attendendo aos excellentes exames que fizeram os esperancosos moços.

A todos os nossos sinceros parabens.

Cabiu o melro.—O criminoso, que ha dias se havia evadido das cadeias d'esta cidade, foi encontrado na freguezia de Lama, comarca de Barcellos.

Relatemos o facto, tal qual se deu:

No dia 4 do corrente, e quasi ao fim da tarde, teve denuncia o sr. Anastacio de Jesus, honrado, activo e intelligente carcereiro, que o foggitivo estacionava n'aquella freguezia; em vista do que, requisitou logo o auxilio da policia, e fretando um carro, poz-se a caminho, acompanhado de dous policiaes á paizana, pelas 7 horas da tarde,

do mesmo dia, chegando ao ponto designado pelo denunciante seriam 10 horas da noite.

Senhor da topographia do terreno, preparou tudo de forma tal, que, dado o signal d'assalto, o criminoso não podesse fogir ao laço que lhe havia preparado com as precauções precisas; e, acto continuo, cabiu-lhe nas mãos a *rez* desejada, que estava escondida em um cortelho, e sem dar um só *bagido*, se entregou á prisão seriam 10 horas da noite.

Depois, de consumado o acto da captura, o sr. Anastacio, mandou comunicar ao regedor da freguezia, o occorrido, seguindo com o prezo para esta cidade, dando com elle entrada nas cadeias da mesma, depois da meia noite.

O honrado carcereiro, que reúne ás qualidades de um cavalheiro honrado uma alma grande e generosa, gratificou com 7 libras o denunciante, porque, não queria nem por sombra, que alguém attribuisse semelhante fuga á sua falta de zelo e vigilancia, ou a conivencia. Não: todos lhe fazemos justiça, e admiramos demais a mais o seu arrojo, expondo-se a perigos eminentes, e aos rigores d'uma noite de grande envernia e frio. Empregados d'estes, ha poucos, e principalmente para aquelle lugar.

Segundo as declarações do criminoso: foi elle coadjuvado na fuga, pelo 32 da 3.ª e o 9 da 6.ª companhia do regimento 8, que lhe haviam fornecido, mediante algumas quantias, chaves falsas, com as quaes se *esqueirou* da prisão pelas 6 da manhã do dia 30 de março ultimo. Parabens ao honrado carcereiro.

Fallecimento.—No dia 31 do mez fin do, baixou á sepultura, na igreja de Góes, comarca de Amares, o Reverendo Antonio Manoel Rodrigues, parcho collado na parochial igreja de Santo Estevão de Geraz, comarca da Povoia de Lanhoso—e que havia sido despachado á annos para a igreja de S. Thiago de Priscos.

Éra um sacerdote illustrado e exemplarissimo; mas, a inveja entra muitas vezes nos recintos mais sagrados, para ahí saciar os seus damnados fins, como aconteceu ao Reverendo fallecido, pois, foi victima d'uma celebre questão da *simonia*, negocio de *encomenda*, e que affim surtiu os seus devidos e desejados effeitos, por parte dos sonhadores *simoniacos*. A consciencia deve-lhes estar satisfeita.

Pedimos que se dê vista do processo aos accusadores para se mandar archivar.

Deus lhes perdoe.

As Artes Portuguezas do seculo 19.—Recebemos este excellente livrinho,

devido á mimosa pena do Ex.º Dr. Alfredo Elviro dos Santos, secretario particular do Ex.º e R.º Sr. Arcebispo Primaz.

Da sua rapida leitura ficamos fazendo juizo seguro do que tinha-mos ouvido a respeito dos dotes intellectuaes, e são principios do Ex.º Sr. Elviro dos Santos.

Esperamos que o novel escriptor catholico, caminhe desassombradamente no campo em que tão brillantemente se apresentou. Avante.

No lugar competente vae o respectivo annuncio.

Naufragio.—Corunha, 2.—Esta manhã, na altura de Finesterra, um vapor hespanhol abalroou com o paquete inglez «Douro» da Royal Mail, que vinha de Lisboa para Southampton.

Ambos os vapores foram logo ao fundo.

O 1.º perdeu 30 homens, entre passageiros e tripulantes, sendo o capitão, piloto e mais 36 naufragos salvos pelo vapor inglez «Hidalgo», capitão Timer.

A respeito da tripulação e passageiros do paquete da Mala Real, apenas se sabe que se salvaram cem pessoas, ignorando-se por em quanto o numero total de passageiros afogados; não se salvou nenhum official. Os naufragos salvos foram mettidos a bordo do vapor «Hidalgo» e chegaram esta tarde á Corunha.

Achado importante.—Huns pedreiros que andam murando a quinta da Coturella pertecente ao Ex.º Sr. José Borges de Faria, encontraram debaixo dos alicerces de uma parede velha, no sitio da pedreira, um Castical, uma Cruz de S. Pedro, uma nabeta, dous deademas, um vazo, uma Custodia e varios objectos pertencentes a igreja, tudo embrulhado em cortinas já todas podres.

Dizem que este achado fora a prepetação de um roubo, que á perto de 25 annos fizeram no concelho de Coura em caza de um abbade, dando-se-lhe a morte a este.

Foram autores d'este roubo Manoel José d'Abellos, por alcunho o calceta e um seu companheiro chamado Gazeas, este da fre-

guezia de Semellio, e a quelle da rua da Boa vista ao marmeleiro.

Deus lhes perdoe.

Sinistro.—Na freguezia de S. Miguel de Fontoura, conselho de Yalença, occorreu ultimamente uma desgraça, de que foi victima um sobrinho do rd.º padre Francisco José Rodrigues da Cunha.

Ja o pobre rapaz adiante de uns bois que tiravam um carro, quando, como os animaes se espantassem, cahio, tão desastrosamente que uma das rodas lhe passou por cima do ventre, succumbindo, alguns dias depois o infeliz.

Do mal o menos.—A commissão de fazenda da camara dos deputados, resolveu hontem isentar do adicional de 6 p. c. todas as collectas de contribuição industrial de officiaes de officios e as collectas de contribuição predial de 100 a 500 reis. Tambem resolveu a commissão isentar até 30 de junho proximo todas as contribuições em divida, na data da publicação da lei, sobre as quaes não sejam contados juros da mora, por ainda não serem devidos.

Estas concessões teem base em emendas apresentadas pelo deputado o sr. Marianno de Carvalho, que aliás eram mais amplas, no sentido de favorecer os menos favorecidos da fortuna.

Tambem a commissão declara, que os 6 p. c. não se contarão sobre os emolumentos das alfandegas, nem estes sobre o addicional.

Os Pombalistas amacacados.—Estes corvos negros, filhos predilectos das trevas, embora com arrufos de *luz apetreolada*, andão em uma *rôda viva*, para festejar no dia 8 do proximo mez de maio, o 1.º despota, o 1.º tyrano, o 1.º carrasco do povo portuguez, o Marquez de Pombal, nome que se não pode pronunciar, sem se cuspir tres vezes.

Este homem de execranda memoria, teria págo tantos crimes, e tantas atrocidades, no mesmo lugar em que foram justicadas barbara, cruel e innocentemente tantas familias honradas, e que tão caras erão á patria, senão fora a clemencia desmaziada da senhora D. Maria 1.ª, contentando-se em o mandar degradado para o Pombal.

Mas os rapazes d'hoje de braço dado com alguns velhos dos... prometem-nos pintar uma nova bola, para depositarem dentro de seu vaco, as cinzas do seu idolo, offertando-as depois á *deusa liberdade*.

Bravo, avante rapaziada sem miolo na bola: avante.

Latrocínio.—De um telegrama recebido na legação brasileira em Lisboa, sabe-se que appareceram já os objectos roubados á imparatriz do Brazil e que estavam avaliados em 200 contos de reis. Ignoram-se por em quanto pormenores, sabendo-se apenas que o roubo constava dos seguintes objectos:

Um collar de brilhantes grandes; um grande allinete de brilhantes com feitio de flores; um allinete de brilhantes—broche; uma grande fivella para a fita das ordens, com grandes brilhantes; um par de brincos compridos, de brilhantes; uma pulseira com dois brilhantes e uma perola; uma dita larga de ouro com tres perolas e brilhantes; as commendas, grande e pequena, do Cruzeiro, cravejadas de brilhantes; a commenda da ordem do Santo Sepulchro, cruz de esmalte encarnado com quatro cruzinhas nos angulos; a commenda da Cruz Estrellada, d'Austria, esmalte preto matizado de outras côres; o fitão de varias ordens; uma flor de brilhantes e uma perola grande; um allinete de brilhantes com o retrato de S.M., a imparatriz; uma flor de brilhantes para a cabeça; dois fios de perolas com medalhão de perolas e brilhantes; e um par de brincos de perolas com brilhantes.

Semanario dos Filhos de Maria.—Recebemos o 1.º e 2.º n.º d'este interessante semanario religioso, que se publica no Porto, e é editado pelo sr. Malheiro—Picaria 97.

Na verdade, a belleza de seus escriptos exalam o mais agradável aroma christã, devido á protecção que Maria Santissima despensa a seus Filhos—.

E o orvalho da manhã resguardado antes de nascer o sol—: Abençoada seja tão grandioza empreza.

O nosso prezadissimo amigo e conterraneo, o Ex.º Sr. Antonio Moreira Mello, que reúne a uma intelligencia cultivada e sã, uma educação moral e religiosa e o seu principal director literario, e por isso a garantia mais segura para lhe prognosticarmos uma vida longa e cheia de rozas, de que são dignos os «Filhos de Maria.»

As nossas felicitações.

ANNUNCIOS

Arrematação

Pelo Juizo de Direito d'esta comarca de Braga e cartorio do escrivão infra, no dia desasseis do corrente mez d'Abril, por dez horas da manhã, á porta do tribunal da justiça, sito no largo de Santo Agostinho d'esta cidade, tem de voltar á praça por ametade do seu valor, visto que na primeira praça do dia dous do corrente mez, não houve lançador os predios, que taes são: Uma morada de casas sobradadas com seu quintal e mais pertencas designada pelo numero 14 e 14-A, que foi avaliada no liquido valor de 400\$000 e ora voltam ápraça por ametade do dito valor, na quantia de 200\$000 reis; outra morada de casas terreas com seu quintal designada pelo numero 15 que foi avaliada no liquido valor de 200\$000 reis, e ora volta á praça por ametade do seu valor, na quantia de 100\$000 reis; outra morada de casas terreas com seu quintal, designada pelo numero 16, que se acha avaliada no liquido valor de 200\$000 reis, e ora volta á praça por ametade do dito valor, na quantia de 150\$000 reis: todos os referidos predios são situados na rua nova Santa Cruz, freguezia de S. Victor, d'esta cidade: Uma morada de casas sobradadas de dous andares com seu quintal e poço e mais pertencas, designada pelo numero 65 A 65-B, sita na rua de D. Pedro V. da dita freguezia de S. Victor, que se acha avaliada no liquido valor de 1:400\$000 reis, e ora volta á praça por a metade do seu valor, na quantia de 700\$000: dez moradas de casas, sendo quatro torres e seis terreas, designadas pelos numeros 33 a 42 tudo inclusivel, com seus respectivos quintaes, poços e campo junto, tudo situado na rua da Ponte, freguezia de S. Lazaro d'esta cidade, que tudo se acha avaliado, abatida a reserva do uso fructo da casa designada pelo numero 33, que pertence a Francisca Thereza, no liquido valor de 2:868\$820 reis, e ora voltam á praça por a metade do seu valor de reis 1:429\$410; sendo que os ditos predios são de praso, sendo estes foreiros ao cabido Primaz, e aquelles á Mitra Primaz, não se abatendo na louvação os respectivos fóros, por não terem os louvados quem os elucidasse; cujos predios foram penhorados a Jeronymo Lopes de Castro e Souza ausente em parte incerta no imperio do Brazil, e mulher Anna Luiza de Gouvêa Pimentel de Menezes, d'esta cidade, em execução movida pelo Bacharel Antonio Roberto d'Araujo Queiroz, d'esta mesma cidade; e por este annuncio são citados credores incertos, para comparecerem no acto da praça, querendo, e dedusirem seus direitos.

Braga 2 d'Abril de 1882.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Adriano Carneiro de Sampaio.

O Escrivão

Antonio José Gonçalves.

(27)

Arrematação

Pelo Juizo de Direito da cidade e comarca de Braga, e cartorio do escrivão do 1.º officio do mesmo Juizo—Freitas—se faz publico que no dia 23 de Abril proximo futuro d'este corrente anno por 10 horas da manhã, á porta do Tribunal Judicial d'esta dita cidade de Braga, terá lugar a arrematação de um fóro de 161,190mil. de pão meado, que o exequente José Ferreira, da fre-

guezia de Beiral, comarca de Ponte do Lima, penhorou aos executados José Cardozo de Carvalho e sua filha, menor pubre, da dita comarca aos quaes é obrigado a pagar a Assenção de Sequeira Freire da cidade de Lisboa, e vae á praça no valor de 98\$920 reis. Pelo presente são citados todos os credores incertos dos ditos executados para dedusirem seus direitos no acto da praça, querendo, pena de revelia. Leva um sello de estampilha do valor de 10 reis. Braga 27 de Março de 1882.

O Escrivão

José Firmino da Costa Freitas.

Verifiquei a exactidão,

Adriano Carneiro de Sampaio.

(28)

Nova casa Penhorista Bracarense

Situada na rua dos Sapateiros N.º 9

BRAGA

Esta casa empresta dinheiro sobre roupas, e objectos de ouro, prata e pedras preciosas etc., etc.

Os juros são limitadissimos, como não terá competencia nas casas actualmente aqui estabelecidas no mesmo genero.

Acha-se aberto este estabelecimento todos os dias, desde as 7 horas da manhã ao meio dia, e desde as 2 da tarde ás 9 horas da noite.

Nos domingos e dias sanctificados abre ás 8 da manhã e fecha ao meio dia.

Os proprietarios gerentes d'esta casa esperam merecer todo o favor do publico, que jámais terá motivos de descontentamento. (26)

COLLEGIO DE SANTA CATHARINA

Rua da Alegria N.º 473

PORTO

Este collegio mudou em outubro, para a linda quinta denominada do Luciano, logar o mais saudavel da cidade do Porto e o mais proprio para casas d'esta ordem.

Bôa disciplina; instrução bem dirigida; sustentação solida, sadia e abundante. Os alumnos são tratados como filhos.

Pede-se aos paes de familia o favor de visitarem esta casa de educação e de se informarem a respeito d'ella.

O Director.

José de Ramos Soares Baltar.

AS ARTES PORTUGUEZAS

NO SECUIO IX

POR

ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS

VENDE-SE POR 100 reis EM

Braga—Tygraphia Lusitana—Rua

Nova de Sousa n.º 4.

Livraria Popular—Antonio Telles de Me-

nôzes—Rua de S. Marcos n.º 2.

Coimbra—Typographia da Ordem—Rua

do Norte n.º 6.

Livraria Academia—de J. Melchades.

Guimarães—Livraria Editora—de Tei-

xeira de Freitas.

Lisboa—Livraria—de Joaquim Antonio

Pacheco—Praça de D. Pedro.

Porto—Livraria Portuguesa e Religiosa

—de Braga & C.ª—Clerigos 96 e 98.

Livraria Religiosa e Scientifica—de J.

J.ª Mesquita Pimentel—Rua de D. Pedro

n.º 53.

Venda de casa

Vende-se uma morada de casas situada na Cruz de Pedra, n.º 52, ou arrenda-se desde já. Tem bons commodos, excellente quintal, e agua de poço com bomba.

No caso de venda pôde ficar o comprador com dous terços do dinheiro a juro de 5 por cento.

Trata se na redacção d'este jornal.

Dinheiro a juro

Na confraria de Santa Luzia, erecta na Sé Primaz, ha para mutuar a quantia de 416\$000 reis, sob hypotheca: quem pretender a dita quantia, pôde dirigir á meza o seu requerimento e juntar os titulos respectivos da hypotheca a constituir.

Braga 24 de Fevereiro de 1882.

O secretario.

(16) Gabriel Angelico de Carvalho.

O PROGRESSO MODERNO

E O

Compadre Caturra

Ou uma palestra ao cair da tarde

POR

CARNELIO ARGUS

(Segunda edição correcta e augmentada)

Com permissão do exm.º sr. Cardeal

FERREIRA DOS SANTOS SILVA

BISPO DO PORTO

Editor, José Fructuoso da Fonseca

Preço 100 reis.

Vende-se na administração da Palavra.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

TYPOGRAPHIA LEALDADE DE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO
Rua de Jano N.º 1—1.º andar.